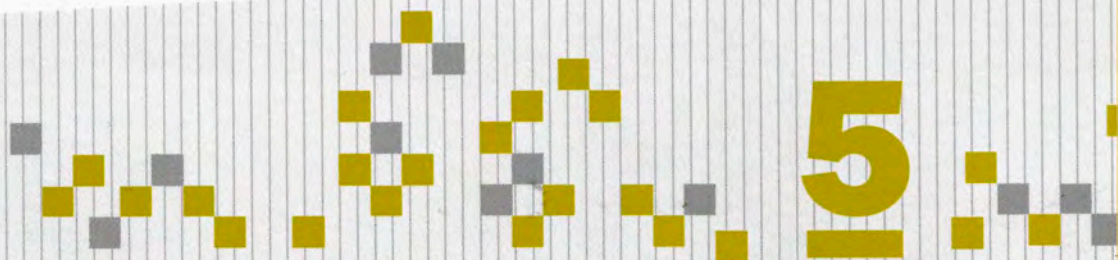


akra BARBARiON

Sesimbra, cultura e património



Akra Barbarion

Ficha Técnica

Edição

Câmara Municipal de Sesimbra

Título

Akra Barbarion
Sesimbra, cultura e património

Colaboraram neste número

Ana Barrosa
Cristina Conceição
Fernanda Rodrigues
João Luís Cardoso
João Costa
João Ventura
Jorge Custódio
José António Rodrigues Pereira
Odete Graça
Pedro Pereira da Silva
Paula Cruz
Rui Marques
Rui Mendes

Coordenação Editorial

Divisão de Cultura
Unidade Técnica de Arquivo e Documentação

Revisão e Produção Editorial

Divisão de Cultura
Unidade Técnica de Arquivo e Documentação

6

Ilustração da capa

Sandra Veríssimo

Paginação

Carla Paulo

Impressão

Imagem Fresca Publicidade, Unipessoal, Lda

Tiragem

750 exemplares
Data de Edição: setembro de 2021

Periodicidade

Anual

ISSN

2183-5756

Depósito Legal

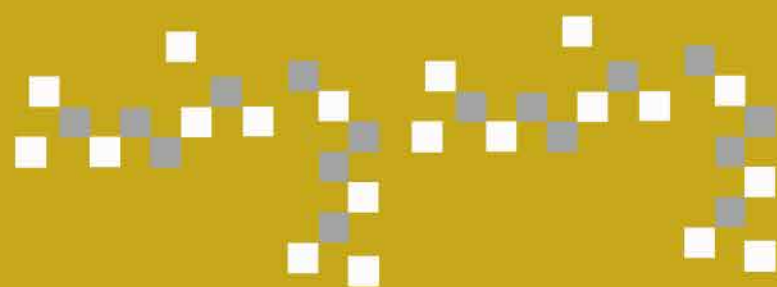
396277/15

P.V.P

6 €

(A aplicação do novo acordo ortográfico ficou ao critério dos autores)





A ocupação do Neolítico Médio da Lapa do Fumo (Sesimbra) e sua cronologia absoluta

João Luís Cardoso¹
Universidade Aberta; Centro e Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO); ICAREHB
(Universidade do Algarve)

Resumo

A Lapa do Fumo é uma cavidade cársica situada a Oeste de Sesimbra, dominando o oceano, na bordadura da plataforma culminante do maciço calcário jurássico que se prolonga até ao cabo Espichel. Um dos principais resultados arqueológicos das escavações ali efectuadas na década de 1960 por Eduardo da Cunha Serrão e Gustavo Marques consistiu na identificação da chamada “Camada Vermelha”, assim designada devido à impregnação de ocre vermelho, utilizado ritualmente no quadro das cerimónias fúnebres então ali realizadas. A cronologia dessa camada era dúbia, devido à existência de duas datas estatisticamente diferentes, uma, mais antiga, utilizando fragmentos de carvão, que apontava para o início do Neolítico Médio, outra, mais recente, utilizando ossos humanos, que indicava o Neolítico Final. Tudo sugeria que se tratava de um depósito do Neolítico Final, tendo presente a ocorrência de artefactos arqueológicos desconhecidos no Neolítico Médio, como placas de xisto, alfinetes de cabeça postíça e taças carenadas, dados pelos escavadores como pertencendo àquela camada.

Atendendo à importância de esclarecer a cronologia deste depósito ritual, o qual é frequentemente referido em publicações da especialidade, procedeu-se à datação por AMS de um fragmento de calcâneo recolhido em 1965 em camada imediatamente assente na “Camada Vermelha”. A cronologia obtida insere-se ainda no Neolítico Médio, confirmando o resultado da primeira datação que situava a formação da “Camada Vermelha” no Neolítico Médio. Consequentemente, a segunda datação anteriormente obtida sobre ossos humanos deve reportar-se à camada superior de tumulações, cuja formação se prolongou pelo Neolítico Final, e até por épocas mais recentes, explicando-se assim a presença de artefactos característicos daquela época, cuja tipologia é incompatível com a cronologia do Neolítico Médio da “Camada Vermelha”, agora cabalmente confirmada.

Ficou assim definitivamente esclarecida a cronologia da “Camada Vermelha”, juntando-se às grutas funerárias cada vez melhor conhecidas na Estremadura que conheceram importantes ocupações no decurso do Neolítico Médio.

Palavras-chave: Lapa do Fumo; Sesimbra; “Camada Vermelha”; Neolítico Médio; Rituais Funerários.



Abstract

Lapa do Fumo is a karst cavity located west of Sesimbra, dominating the ocean from the edge of the culminating platform of the Jurassic limestone massif that extends to Cape Espichel. One of the main archaeological results of the excavations carried out in the 1960s by Eduardo da Cunha Serrão and Gustavo Marques was the identification of the so-called “Red Layer”, due to the impregnation of red ocher, used ritually in the framework of the funeral ceremonies then performed there. The chronology of this layer was dubious, due to the existence of two statistically different dates, one, older, using fragments of charcoal, which pointed to the beginning of the Middle Neolithic, another, more recent, using human bones, which indicated the Final Neolithic. Everything indicated that it would be a deposit of the Final Neolithic, bearing in mind the occurrence of some unknown archaeological artifacts in the Middle Neolithic, such as schist decorated plaques, some head pins and carinated bowls.

Considering the importance of clarifying the chronology of this ritual deposit, which is frequently mentioned in publications of the specialty, a fragment of calcaneus collected in 1965 in a layer immediately based on the “Red Layer” was dated by AMS technique. The chronology obtained is still inserted in the Middle Neolithic, confirming the result of the first date that placed the formation of the “Red Layer” in the Middle Neolithic. Consequently, the result previously obtained on human bones must refer to the upper layer, whose accumulation extended at least over the Final Neolithic period, thus explaining the presence of artifacts characteristic of that time, which were previously attributed to the “Red Layer” by the two authors of the excavations.

The chronology of the “Red Layer” was thus definitively clarified, which corresponds to an important contribution to the funerary rituals observed in natural caves in Extremadura during the Middle Neolithic.

Keywords: Lapa do Fumo; Sesimbra; “Red Layer”; Middle Neolithic; Funerary Rituals.

1 – Introdução

A Lapa do Fumo é uma gruta natural do concelho de Sesimbra, situada perto do rebordo da plataforma de calcários jurássicos que domina o oceano (Fig. 1). Face ao interesse científico evidenciado pela sua ocupação pré-histórica, foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1982 (decreto n.º 28/82, de 26 de Fevereiro).

O seu interesse arqueológico foi reconhecido em 1956 por E. da Cunha Serrão e, depois de uma sequência de campanhas de escavações dirigidas pelo próprio, que se iniciaram com carácter sistemático logo no ano seguinte e se prolongaram até 1960, os trabalhos foram de novo recomeçados em 1964, com a participação de G. Marques, os quais culminaram com a publicação de ambos, de 1971 (SERRÃO & MARQUES, 1971), dedicada à chamada “Camada Vermelha” a que diz respeito o





Fig. 1 – Lapa do Fumo. Vista da entrada, situada na cornija calcária ocupando o topo da encosta meridional da Arrábida, dominando o mar. Foto tirada em 1957, aquando da realização dos primeiros trabalhos na gruta, pouco depois da identificação do seu interesse arqueológico (Agosto de 1956). Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Reprodução fotográfica de J. L. Cardoso.

presente contributo. Aquele artigo sucedeu-se a outros, de carácter temático sobre espólios de diversas épocas, não tendo nunca sido produzido um estudo de conjunto sobre os resultados obtidos no decurso dos longos anos de escavações ali efectuadas, tendo assim muitas observações e espólios permanecido inéditos.

A revisão e publicação sistemáticas dos espólios arqueológicos recolhidos na Lapa do Fumo (Sesimbra) por sucessivas equipas dirigidas por Eduardo da Cunha Serrão, em diversas campanhas realizadas na década de 1960 é objectivo que o signatário tem vindo a concretizar nos últimos 25 anos.

O presente trabalho insere-se deste modo no âmbito da revisão sistemática dos espólios daquela importante estação arqueológica. Tal propósito iniciou-se com a publicação das produções de cerâmicas de ornatos brunidos do Bronze Final, ali pela primeira vez identificadas e valorizadas em território português por E. da Cunha Serrão (CARDOSO, 1995, 1996), que fazem deste conjunto, ainda hoje, o mais notável existente no território português.

Mais tarde, na sequência do convite endereçado em 2004 pelo então Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo, ao signatário, para que procedesse ao estudo dos espólios arqueológicos e respectiva documentação, relativos ao concelho de Sesimbra, então depositados naquele Museu pela Família do malogrado arqueólogo Arq. Gustavo Marques, em cuja posse se encontravam (Ofício n.º 595, de 11 de Outubro de 2004), foram já diversos os contributos publicados.

De início, a atenção centrou-se no estudo dos espólios recolhidos por G. Marques no povoado calcolítico do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2009). Este estudo



antecedeu o projecto de investigação dedicado àquela que pode ser presentemente considerada a mais importante estação pré-histórica do concelho de Sesimbra, conforme se veio a verificar com os resultados obtidos nas sucessivas campanhas de escavação ali realizadas entre 2005 e 2016 (CARDOSO, 2019).

Logo depois, foram estudados os espólios de outras ocupações arqueológicas presentes na Lapa do Fumo, em estreita articulação com os elementos fornecidos pelos apontamentos de campo de E. da Cunha Serrão e de G. Marques, cujas cópias ou originais foram igualmente depositadas no Museu Nacional de Arqueologia pelos familiares deste último arqueólogo. Foi assim possível contextualizar estratigráfica e espacialmente o importante conjunto do Neolítico Antigo evolucionado ali recolhido. Uma primeira notícia desse conjunto foi apresentada em duas sínteses dedicadas ao Neolítico da Estremadura (CARDOSO, 2010, 2015), sucedidas de publicação monográfica que permitiu demonstrar a real importância da ocupação mais antiga da gruta, de natureza funerária (CARDOSO & MARTINS, 2018).

Os espólios da Lapa do Fumo pertencentes à ocupação sidérica eram também virtualmente desconhecidos, pelo que assumiu inegável importância, no quadro da utilização ritual de algumas grutas naturais da Estremadura nesta época, a identificação de um significativo conjunto cerâmico, que foi dado a conhecer em estudo detalhado e exaustivo (ARRUDA & CARDOSO, 2013).

No quadro deste projecto importava, igualmente, proceder à revisão dos contributos anteriormente publicados. Está neste caso um dos mais interessantes aspectos anteriormente abordados: a formação da chamada “Camada Vermelha”, correspondente a um nível de tumulações secundárias depositadas no chão da gruta previamente preparado e envolvendo cerimónias rituais que envolveram o fogo e o uso intenso do ocre vermelho, como corante, aspergido sobre os ossos conforme é descrito (SERRÃO & MARQUES, 1971).

Neste contributo apresenta-se análise crítica da informação até agora existente sobre a cronologia desta camada, enriquecida por datação obtida por iniciativa do signatário e agora pela primeira vez publicada, dando-se deste modo continuidade aos estudos conduzidos pelo signatário sobre esta importante estação arqueológica sesimbrense.

2 – A cronologia absoluta da “Camada Vermelha”. Trabalhos anteriormente realizados

A datação absoluta do episódio de utilização funerária da Lapa do Fumo corporizada pela designada “Camada Vermelha” foi uma das preocupações cedo assumidas pelos responsáveis pelas intervenções. Para tal, recolheram 180 g de carvões no decurso da escavações, dos quais foi separada uma amostra de 100 g remetida a Vera Leisner a 15 de Julho de 1966, que a enviou para o laboratório de radiocarbono de Colónia. Os resultados foram apenas transmitidos em 1970, correspondendo a uma das escassas datas de radiocarbono então existentes para a Pré-História portuguesa (SERRÃO & MARQUES, 1971):



Kn – 361 (carvão) – 5040+/-160 BP

Esta data, depois de calibrada com base no programa intcal113.14c (REIMER et al., 2013), corresponde ao seguinte intervalo, para uma probabilidade de 2 sigma (cerca de 95%):

4241-3517 cal BC

Mais tarde, por iniciativa da Câmara Municipal de Sesimbra através do Museu Arqueológico Municipal, foi entregue uma amostra de ossos humanos ao então LNETI, cujo resultado, obtido em 1986, foi o seguinte:

ICEN-240 (ossos) – 4420 +/- 45 BP

Recorrendo à mesma curva de calibração, obteve-se o seguinte intervalo para a probabilidade de 2 sigma:

3330-2916 cal BC

Face à discrepância de resultados observada, E. da Cunha Serrão, em obra póstuma de 1994, afirmou: “Não podemos explicar esta divergência de datas, mas devemos declarar que a amostra da primeira foi cuidadosamente escolhida por E. da Cunha Serrão e G. Marques; a segunda foi directamente entregue pelo Museu Arqueológico de Sesimbra ao LNETI em 1986” (SERRÃO, 1994, p. 77).

Na verdade, a metodologia de recolha das amostras e sobretudo o local de colheita das mesmas no interior da gruta conduziu sem dúvida à discrepância observada nos resultados.

Para se obter 100 g de carvões, torna-se necessário dispor de um assinalável conjunto de fragmentos, pelo que é de admitir à partida que se tenham incluído exemplares de diversas origens, ainda que da mesma camada, o que garantiria a qualidade dos resultados. De facto, esta possibilidade parece ser a mais provável, dada a quantidade de carvões disponíveis ser assinalável, como é declarado pelos escavadores (SERRÃO & MARQUES, 1971, p. 140): as fogueiras rituais, directamente relacionadas com as deposições funerárias, teriam produzido abundantes carvões que poderiam até ser utilizados para futuras datações, com é admitido pelos próprios. Assim sendo, é admissível a contemporaneidade de toda a amostragem, a crer nas informações publicadas. Fica apenas por esclarecer o eventual efeito de “madeira antiga”, que poderia ter provocado uma data de radiocarbono mais antiga que a das tumulações. Mas tais fogueiras, de pequenas dimensões, conforme é declarado pelos próprios (op. cit., p. 137) seriam produzidas com ramos de arbustos ou de copas de árvores, naturalmente “de vida curta”, permitindo afastar aquela possibilidade.

Deste modo, o resultado obtido afigura-se credível, em si mesmo, embora não se adequa à tipologia do conjunto arqueológico que, segundo os escavadores,



com ele estaria associado. Com efeito, o intervalo cronológico obtido é claramente anterior à utilização das conhecidas placas de xisto funerárias, as quais só ocorrem em contextos do Neolítico Final, a partir de 3300/3200 cal BC (BOAVENTURA, 2009; NEVES, 2018), conjuntamente com alfinetes de cabeça postiça, lisa ou canelada, e taças carenadas, artefactos que também faziam parte das deposições votivas, segundo afirmam os autores da escavação (SERRÃO & MARQUES, 1971, Figs. 8, 9 e 10).

No entanto, o facto de tais peças estarem “directamente assentes sobre os restos das fogueiras, não apresentarem indícios de fogo” (op. cit., p. 137) faz crer que tenham integrado uma camada mais moderna que o conjunto funerário.

Assim sendo, a chamada “Camada Vermelha” da Lapa do Fumo corresponde a um depósito do Neolítico Médio, constituído por tumulações secundárias, como outros conhecidos em diversas grutas da Estremadura e do Alentejo, como é o caso da gruta do Escoural, Montemor-o-Novo e das grutas do Lugar do Canto e do Algar do Bom Santo, no Maciço Calcário Estremenho.

Em abono da hipótese de ter havido mistura de materiais de várias épocas provocada pela própria escavação, importa referir que o conjunto lítico dado como coevo do conjunto do Neolítico Final é exclusivamente constituído por lâminas e lamelas não retocadas e geométricos (trapézios e segmentos) (SERRÃO & MARQUES, 1971, Est. VI, n.ºs 1 a 10), com a total ausência de pontas de seta, exactamente o que seria de esperar encontrar num conjunto do Neolítico Médio da Estremadura (CARVALHO, 2009; NEVES, 2018; CARDOSO, 2020).

Face a esta constatação, os resultados da datação obtida sobre ossos humanos remetidos pela Câmara Municipal de Sesimbra ao LNETI, carecem de análise e discussão, a qual se pode resumir do seguinte modo:

- tratar-se-ia de facto de uma amostra homogénea que data o episódio de tumulações efectuado na “Camada Vermelha”, aliás expressamente indicada como sendo a origem da amostra, associada a placas de xisto (SOARES, 1993, Quadro III), o qual se inscreveria assim no Neolítico Final, como indica também a presença de outros espólios característicos desta fase cultural, já atrás referidos (SERRÃO & MARQUES, 1971, Figs. 9 e 10), validando assim a associação efectiva destes diversos itens conforme é indicado pelos autores da escavação, colocando em causa a datação anteriormente obtida no laboratório de Colónia sobre carvões; no entanto, não existe nenhuma razão objectiva para a rejeição deste resultado, como anteriormente se referiu;

- tratar-se-ia de amostra homogénea, mas que dataria o episódio de tumulações mais modernas correspondente às camadas 3 e 4 da sequência geral (op. cit., p. 127), situação explicada pela dificuldade de identificação cabal no arquivo da Câmara Municipal de Sesimbra dos restos humanos da “Camada Vermelha”, muitos anos depois das escavações terem sido realizadas. A ser assim, esta datação corresponderia à utilização funerária da gruta no decurso do Neolítico Final da Estremadura e mesmo em tempos mais recentes, conclusão que é corroborada pelo facto de os escavadores reportarem à referida camada dois fragmentos de cerâmicas campani-



formes (SERRÃO & MARQUES, 1971, p. 126), a menos que sejam resultantes de intrusões mais modernas, não detectadas pela escavação, como se verificou na vizinha Lapa do Bugio (MONTEIRO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971; CARDOSO, 1992).

Face ao exposto, é plausível a hipótese de ter havido mistura de ossos de épocas distintas aquando da selecção do material que integrou a amostra datada, falseando o resultado obtido; nesta ordem de ideias:

- tratar-se-ia de amostra não homogénea, constituída por ossos humanos oriundos das duas fases de tumulações efectuadas na gruta identificadas pelos escavadores, em virtude de misturas pré-existentes à escavação ou praticadas no seu decurso, ou ainda inadvertidamente provocadas aquando da selecção dos ossos para datação, situação que presentemente escapa à possibilidade de verificação.

Deste modo, tendo presente, por um lado, o assinalável intervalo de incerteza para as exigências actuais da datação efectuada no Laboratório de Colónia, e, ainda, a sua incompatibilidade com a tipologia dos objectos arqueológicos a ela reportados; e, por outro lado, a incerteza da origem da amostra utilizada na datação obtida na década de 1980:

- considerou-se importante a realização de uma datação por AMS que interessasse um osso cuja origem estratigráfica se encontrasse devidamente referenciada pelos autores da escavação, tanto do ponto de vista estratigráfico, como do local de recolha no interior da gruta, a qual se efectivou em 2016.

3 – Novos dados

Por iniciativa do signatário, foi enviado para datação porção de calcâneo humano ao laboratório da Universidade de Waikato (Nova Zelândia). A escolha desta amostra foi efectuada com o acompanhamento do Sr. João Pinhal (Câmara Municipal de Sesimbra), tendo presente sua localização e posição estratigráfica.

A etiqueta que o acompanhava (Fig. 2) tinha a seguinte inscrição, em caligrafia facilmente reconhecível como sendo de E. da Cunha Serrão:

“Fumo / 26/XI/65 / Fundo de Barro / do C - 2”

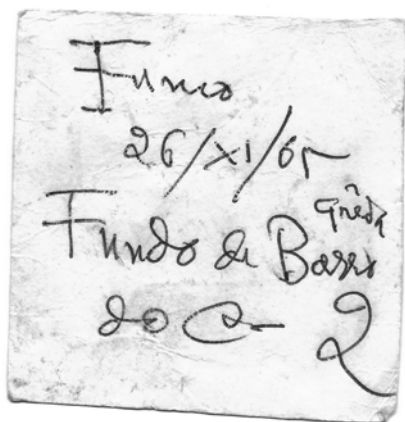


Fig. 2 – Lapa do Fumo. Etiqueta escrita por E. da Cunha Serrão correspondente aos materiais ósseos recolhidos no dia 21 de Novembro de 1965, entre os quais se integrava o fragmento de calcâneo humano agora datado. Reprodução de J. L. Cardoso.

Tendo presente a informação contida nos apontamentos relativos às escavações da Lapa do Fumo realizadas em Novembro de 1965, da autoria de G. Marques, de acordo com a respectiva caligrafia (Fig. 3) verifica-se que os códigos adoptados na marcação das peças recuperadas em Novembro de 1965 tiveram em consideração a existência de uma camada de barro claro (a etiqueta explicita que se trata de um “Fundo de Barro “grêda”) situado entre a camada vermelha (C3) e a imediatamente superior (C2), conforme expressamente se indica no texto original de G. Marques.

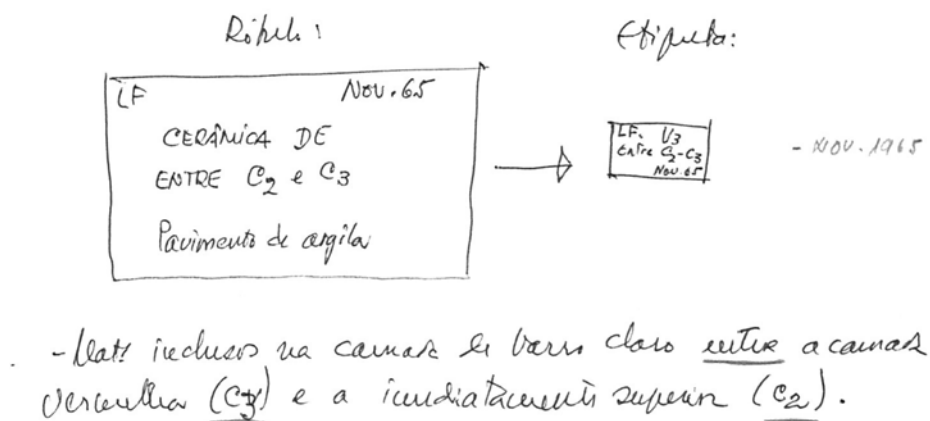


Fig. 3 – Lapa do Fumo. Apontamento de Gustavo Marques comprovando a recolha de materiais na “camada de barro claro”, ou “pavimento de argila” (designado por greda, cf. Fig. 2), relativo aos espólios recolhidos em Novembro de 1965, entre os quais o fragmento de calcâneo agora objecto de datação. Tal camada corresponde, na sucessão estratigráfica publicada em 1971, à C. 4, assente na “Camada Vermelha”, sendo assim necessariamente mais moderna do que esta. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Reprodução de J. L. Cardoso.

Deste modo, existe a certeza de que o calcâneo humano proveio desta camada, a qual, na descrição de 1971 corresponde à C4 – “Camada de barro calcado 2 a 4 cm de espessura, com raras pedras pequenas, constituindo o pavimento das tumulações referidas em 3”.

Na verdade, os restos humanos que correspondem a esta etiqueta apresentaram-se de coloração esbranquiçada, cobertos por fina poalha de argila, compatível com a matriz argilosa esbranquiçada que os embalavam.

No que concerne à localização na gruta da intervenção efectuada em Novembro de 1965, torna-se essencial, uma vez mais, ter presente as informações de G. Marques contidas no conjunto dos apontamentos relativos às sucessivas intervenções realizadas na Lapa do Fumo.

Assim, no que respeita ao ano de 1965, a escavação efectuou-se unicamente no mês de Novembro (Fig. 4).

Pode ler-se que um dos objectivos desta campanha foi a escavação do sector V3a, entre C3 e C2. Como se sabe que a amostra provém precisamente da camada de barro claro que separava a C3 (a "camada vermelha", designada C5 em 1971) da C2 (designada C3 em 1971), confirma-se assim a informação contida na etiqueta, e, deste modo, a proveniência estratigráfica do calcâneo.

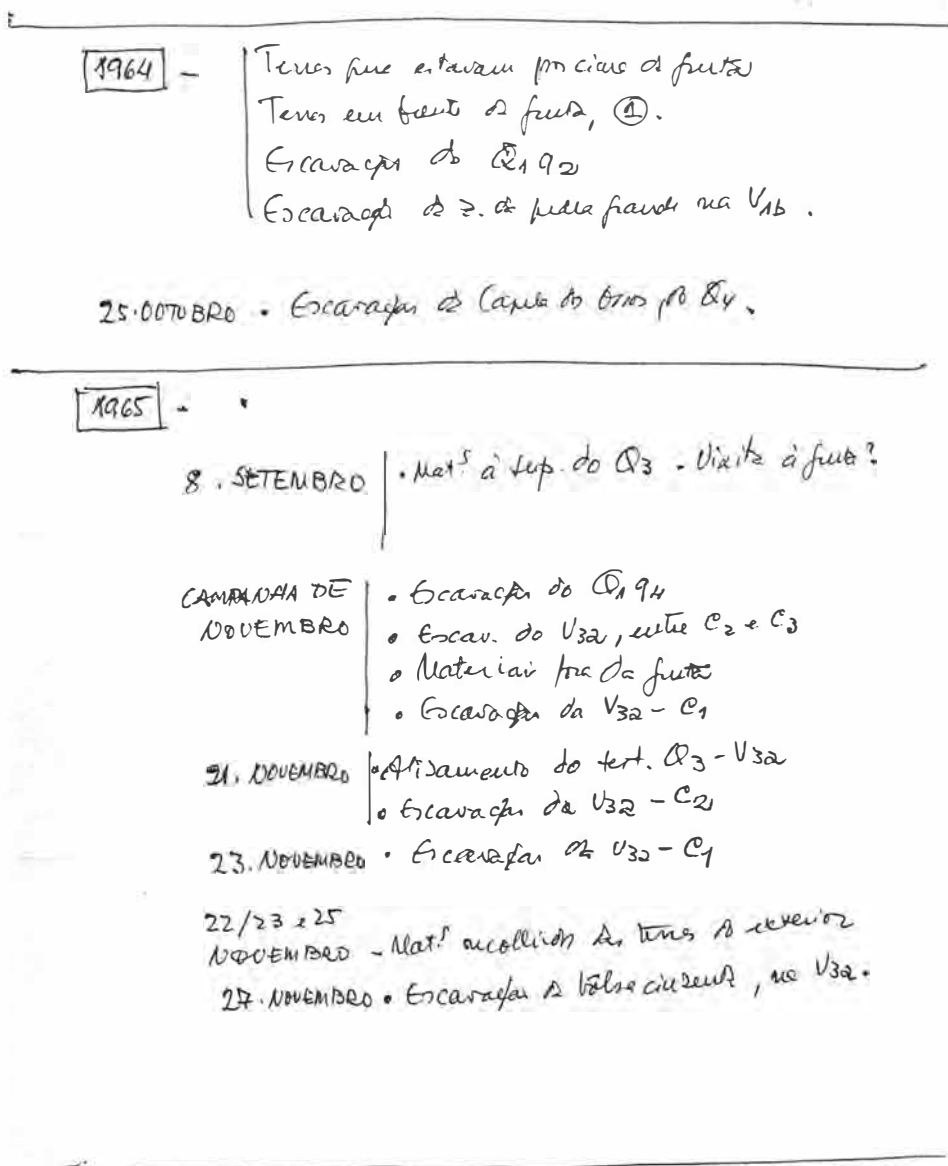


Fig. 4 - Lapa do Fumo. Apontamento de Gustavo Marques, respeitante aos trabalhos realizados em Novembro de 1965, entre os quais a intervenção na V3a, que permitiu localizar a amostra datada no interior da gruta. Arquivo Museu Nacional de Arqueologia.

Reprodução de J. L. Cardoso.



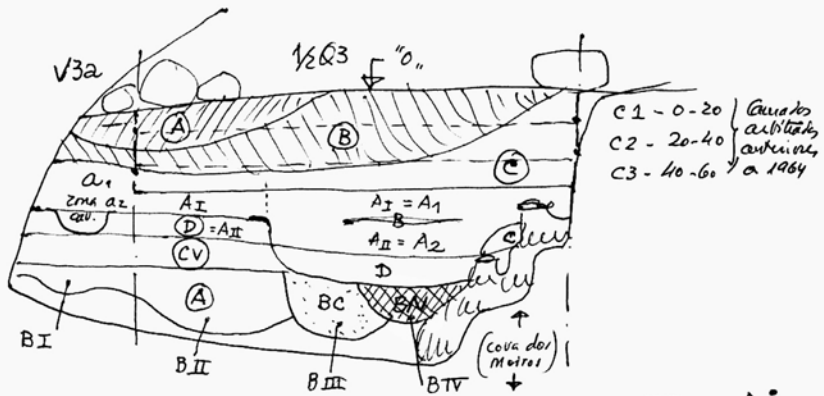
Para que o processo de localização da peça datada estivesse completo faltava ainda identificar em planta o local da sua colheita no interior da gruta. Este objectivo foi assegurado por via da existência, no mesmo conjunto de apontamentos de G. Marques, do esboço do corte estratigráfico realizado em 1964 (Fig. 5).

CÓDIGO CERÂMICAS DA L.FUMO

$\frac{1}{2}Q3$ V3a - OBSERVAÇÕES

- Os materiais destas zonas, provenientes de diversas épocas e recolhidos com critérios diferentes, apresentavam-se confusos na sua exacta localização.

Devido de demorada recolha de elementos (C. campo, fotos, etiquetas de local) foi possível reconstituir a sua escavação e portanto, a consequente atribuição dos mat. a zonas bem determinadas. O esquema seguinte ilustra a questão:



$a_1 = A_I ZS = A_1 \text{ e } A_{II} ZG$	→	$\begin{matrix} 3 \\ \times 1 \end{matrix}$	e $\begin{matrix} \triangle \\ \frac{3}{Y2} \end{matrix}$
$a_2 = A_{II} ZS = \textcircled{D}$ aliamento OUT.64	→	$\begin{matrix} 3 \\ D \end{matrix}$	e $\begin{matrix} \triangle \\ \frac{3}{D} \end{matrix}$
Alívamento de $\textcircled{1}$ ou \textcircled{A} - OUT.64	→	$\begin{matrix} 3 \\ Y1 \end{matrix}$	
Alívamento de \textcircled{B} - OUT.64	→	$\begin{matrix} 3 \\ Y2 \end{matrix}$	
A_2 ou $A_{II} ZG$	→	$\begin{matrix} 3 \\ X4 \end{matrix}$	
$A (A_1 + A_2)$ - MAR.64 = \textcircled{C} aliamento OUT.64	→	$\begin{matrix} 3 \\ X4 \end{matrix}$	
B - MAR.64	→	$\begin{matrix} 3 \\ X4 \end{matrix}$	
C - MAR.64	→	$\begin{matrix} 3 \\ X2 \end{matrix}$	
D - MAR.64	→	$\begin{matrix} 3 \\ X3 \end{matrix}$	
β	→	$\begin{matrix} 3 \\ X5 \end{matrix}$	
	→	$\begin{matrix} 3 \\ X24 \end{matrix}$	

Fig. 5 - Lapa do Fumo. Apontamento de Gustavo Marques relativo à reconstituição da sequência estratigráfica observada em V3a, depois reinterpretada na publicação de 1971, no qual se representa a "Camada Vermelha". Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Reprodução de J. L. Cardoso.

Neste esboço, encontra-se indicada a localização da V3a e desenhada a sequência estratigráfica identificada ao longo dos anos, mercê de um trabalho de coordenação de todos os dados disponíveis, como G. Marques declara no texto de sua autoria.

Este mesmo corte foi publicado 1971, com alterações assinaláveis, sendo ali designado por corte AB e localizado na planta da gruta, mantendo-se a indicação da V3a, contígua ao Q3 (Fig. 6). Deste modo, foi possível, por esta via conhecer a localização aproximada, em planta, do elemento datado, o qual foi recolhido no sector sul do corte AB situado para além do limite correspondente ao contacto do Q1 com o Q3, conforme se indica na Fig. 6.

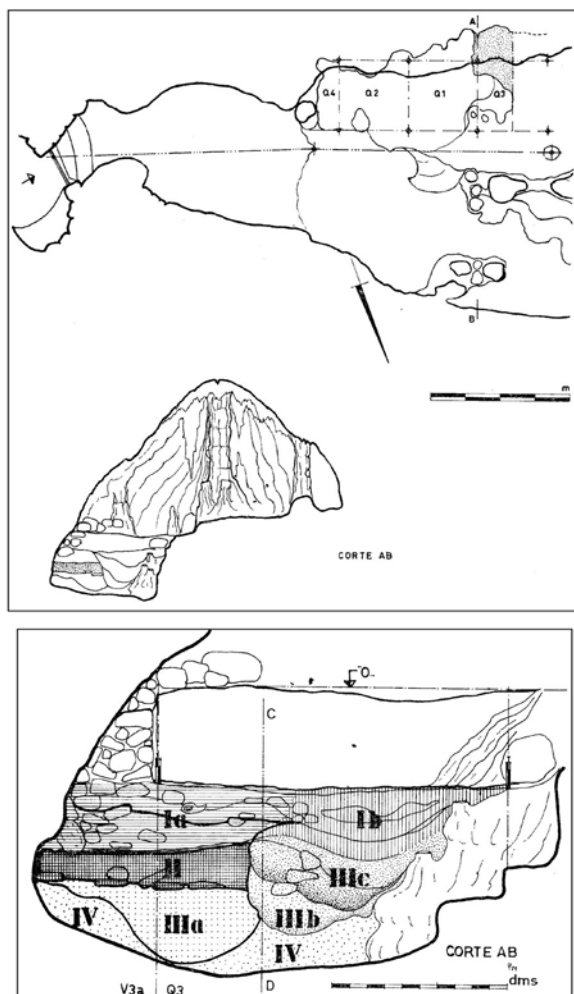


Fig. 6 – Lapa do Fumo. Planta e corte publicados (SERRÃO & MARQUES, 1971, cf. Est. III e IV, modificadas), correspondendo o corte à reinterpretação do esboço desenhado em 1964 por Gustavo Marques (ver Fig. 5). A “Camada Vermelha” encontra-se representada pela Camada II, separada do depósito com tumulações mais moderno (Camada Ia) pelo “pavimento de argila” sugerido pelo traço grosso que separa aqueles dois depósitos.



Clarificada, dentro do possível, a localização estratigráfica e em planta da peça seleccionada, reuniam-se as condições necessárias para dar sequência à datação absoluta pretendida, que deu o seguinte resultado:

Wk-42942 – 4719 +/- 20 BP

Recorrendo à curva de calibração anteriormente utilizada, obteve-se o seguinte intervalo para 2 sigma:

3631-3377 cal BC

Este intervalo cronológico corresponde deste modo ao início da formação depósito funerário sobrejacente à “Camada Vermelha”, correspondente à camada 3 do corte geral de 1971 (SERRÃO & MARQUES, 1971, p. 127).

Conforme a datação obtida, a constituição da base deste depósito é compatível com o designado “Neolítico Médio pleno”, na terminologia de C. Neves, que o autor situa entre cerca de 3700 e 3200 cal BC (NEVES, 2018, Figs. 1-46 a 1-48).

Os contextos arqueológicos reconhecidos nas grutas funerárias da Estremadura integráveis neste intervalo cronológico caracterizam-se pela ausência de pontas de seta, de placas de xisto, de alfinetes com cabeça postiça e de recipientes carenados, exactamente o conjunto que caracterizaria segundo os autores da escavação a “Camada Vermelha” subjacente àquela de onde proveio o osso agora datado.

Deste modo, justifica-se discussão acerca da validade dos dados publicados por E. da Cunha Serrão e G. Marques, tendo presente os elementos agora obtidos.

4 – Discussão

Dos elementos acima apresentados e das considerações sobre os mesmos, resultaram as seguintes hipóteses:

1 – A datação de radiocarbono efectuada em 1970 pelo laboratório de Colónia: Kn – 361 (carvão) – 5040+/-160 BP com base em carvões recolhidos na “Camada Vermelha” pode considerar-se fidedigna, situando a formação deste depósito funerário entre os inícios do último quartel do V e os meados do IV milénio BC. É plenamente compatível com uma ocupação do Neolítico Médio inicial, a qual estaria representada apenas pela indústria lítica recolhida, constituída por lâminas e lamelas não retocadas e por geométricos, com predomínio de trapézios. Não espanta a ausência de produções cerâmicas susceptíveis de serem associadas a esta fase, as quais, tal como em outras grutas funerárias da mesma época, não faziam parte por razões rituais dos espólios votivos, como é o caso da gruta do Lugar do Canto, Alcanena (CARDOSO & CARVALHO, 2008) e do Algar do Bom Santo (CARVALHO, coord., 2014).



2 – A datação de radiocarbono realizada sobre ossos humanos ICEN-240 – 4420 +/- 45 BP corresponde, depois de calibrada, a intervalo cronológico plenamente compatível com o Neolítico Final da Estremadura. Dada como feita a partir de ossos humanos provenientes da mesma camada que a anterior, o seu resultado é claramente incompatível com o anteriormente obtido. As razões para tal não são claras, levando a considerar como mais provável a mistura de ossos de várias épocas conservados no Museu de Arqueologia de Sesimbra, uma vez que os mesmos foram reunidos muitos anos depois da conclusão das escavações, ou, em alternativa, a recolha dos mesmos na camada com deposições de ossos humanos assente na “Camada Vermelha” (a C3 da sucessão de 1971), alternativa que explicaria a presença de espólios do Neolítico Final da Estremadura.

3 – A datação por AMS realizada em calcâneo humano Wk-42942 – 4719 +/- 20 BP recolhido na camada basal da segunda fase de deposições funerárias (a C4 da sucessão de 1971) situa a formação da mesma no Neolítico Médio pleno, sendo portanto compatível com a sua posição estratigráfica relativamente à “Camada Vermelha”, imediatamente subjacente (a C5 da sucessão de 1971).

Deste modo, ter-se-ia no sector da gruta considerado, duas fases de tumulações distintas, como já é proposto no trabalho de 1971 pelos autores das escavações.

Sabe-se agora que a mais antiga dessas fases deve ser reportada ao Neolítico Médio inicial, representada pela “Camada Vermelha”, correspondente à datação Kn-361, enquanto a mais moderna das referidas fases de tumulação se reporta ao Neolítico Médio pleno, como comprova a datação agora realizada, prolongando-se pelo Neolítico Final e por épocas mais modernas como sugere a datação ICEN-240.

Assim, a parte mais significativa do registo arqueológico exumado, dado como proveniente da “Camada Vermelha” (C5 da sucessão de 1971) deve provir essencialmente da camada funerária sobrejacente a esta (C3 da sucessão de 1971).

4 – Importa referir que as escavações executadas na Lapa do Fumo foram sempre norteadas por um voluntarismo e entusiasmo por parte de todos os que nelas participaram, animados por E. da Cunha Serrão entre 1957 e 1960 e, depois de 1964 – data em que se retomaram os trabalhos – em colaboração com G. Marques (SERRÃO & MARQUES, 1971, p. 123). Tal é a realidade que se evidencia pela natureza das observações contidas nos apontamentos relativos aos trabalhos de campo realizados. Mas a instabilidade da constituição das equipas ao longo dos anos, em parte resultantes das limitações de tempo dos participantes, tiveram consequências, de que cabe destacar, como mais relevantes, a falta de uniformidade na metodologia da escavação e no modo de referenciação dos espólios, cuja variabilidade torna difícil a compreensão e o seu consequente aproveitamento, a ponto de G. Marques ter ensaiado um complexo sistema de correlação das diversas marcações efectuadas nas peças ao longo dos anos. As escavações realizadas em tais condições, e em áreas adjacentes a outras já anteriormente escavadas, mas com outras metodologias – é



o caso do Q1 escavado antes de 1960, e do Q3, a ele adjacente, escavado a partir de 1964, – criaram dificuldades à compreensão e ao registo global e coerente das sequências ocupacionais identificadas.

Tal realidade é expressamente admitida por G. Marques, ao declarar o seguinte, acompanhando o ensaio da primeira reconstituição gráfica do corte publicado em 1971 (ver Fig. 5):

“Os materiais desta zona, provenientes de diversas épocas e recolhidos com critérios diferentes, apresentavam-se confusos na sua exacta localização.

Depois de demorada recolha de elementos (c.s campo, fotos, etiquetas de mat.s) foi possível reconstituir a sua escavação e portanto, a consequente atribuição de mat.s a zonas bem determinadas.”

A transcrição apresentada confirma que os espólios publicados e as observações estratigráficas associadas a este corte na “Camada Vermelha” foram de facto objecto de distintos critérios de referenciação ao longo do tempo, por diversos intervenientes e sem que respeitassem a um padrão uniforme de referenciação. Os resultados da correlação realizada por G. Marques foram aproveitados para a publicação de 1971 onde se apresenta a localização das peças na planta da área escavada como se a mesma fosse real (op. cit. Fig. 6), quando na verdade corresponde a um exercício de reconstituição gráfica da localização de materiais recuperados em épocas diferentes; não se trata, por conseguinte, de um registo arqueológico verdadeiro, directamente observado e passado para a prancheta.

Esta conclusão é sublinhada pelos cortes executados no terreno realizados em 1964, e que comprovam que a escavação, tanto quanto se pode concluir das fotografias então executadas por G. Marques e que se mantiveram inéditas (Fig. 7 e Fig. 8) não respeitou um desenvolvimento nem horizontal – indispensável à localização em planta dos objectos, como é indicado na Fig. 6 do estudo de 1971) – nem vertical, como seria de esperar no caso da realização de um corte estratigráfico, progredindo segundo uma frente oblíqua e irregular.



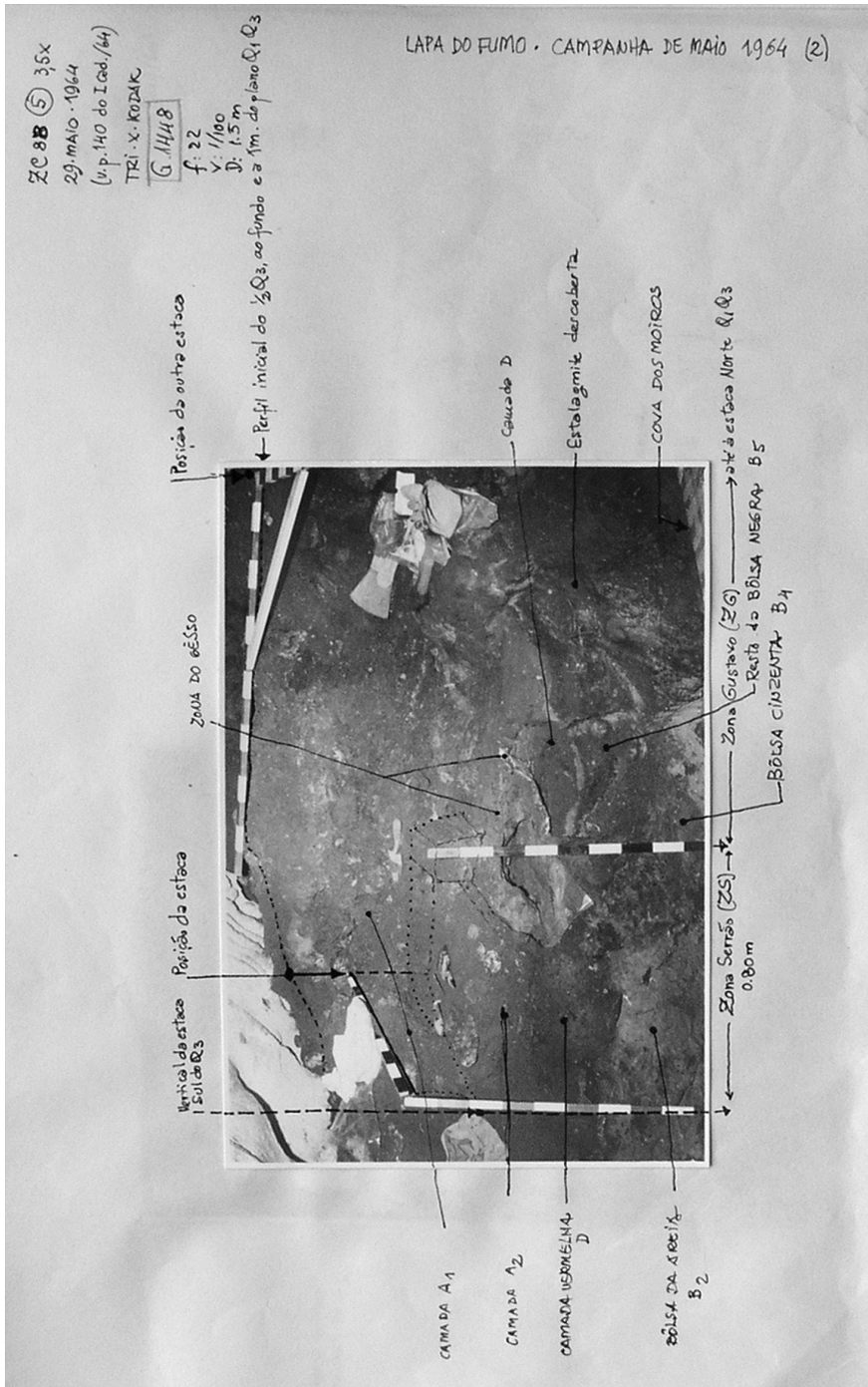


Fig. 7 – Lapa do Fumo. Fotografia de Gustavo Marques da frente de ataque da escavação em 1964, evidenciando-se a forma como se realizou a progressão da mesma, depois reinterpretada no corte realizado por Gustavo Marques neste mesmo ano (ver Fig. 5). Note-se, na interpretação feita desta fotografia, que se assinala como A2 a camada C2 na base da qual foi identificada o “pavimento de argila” onde se recolheu o calcâneo agora datado. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Reprodução de J. L. Cardoso.



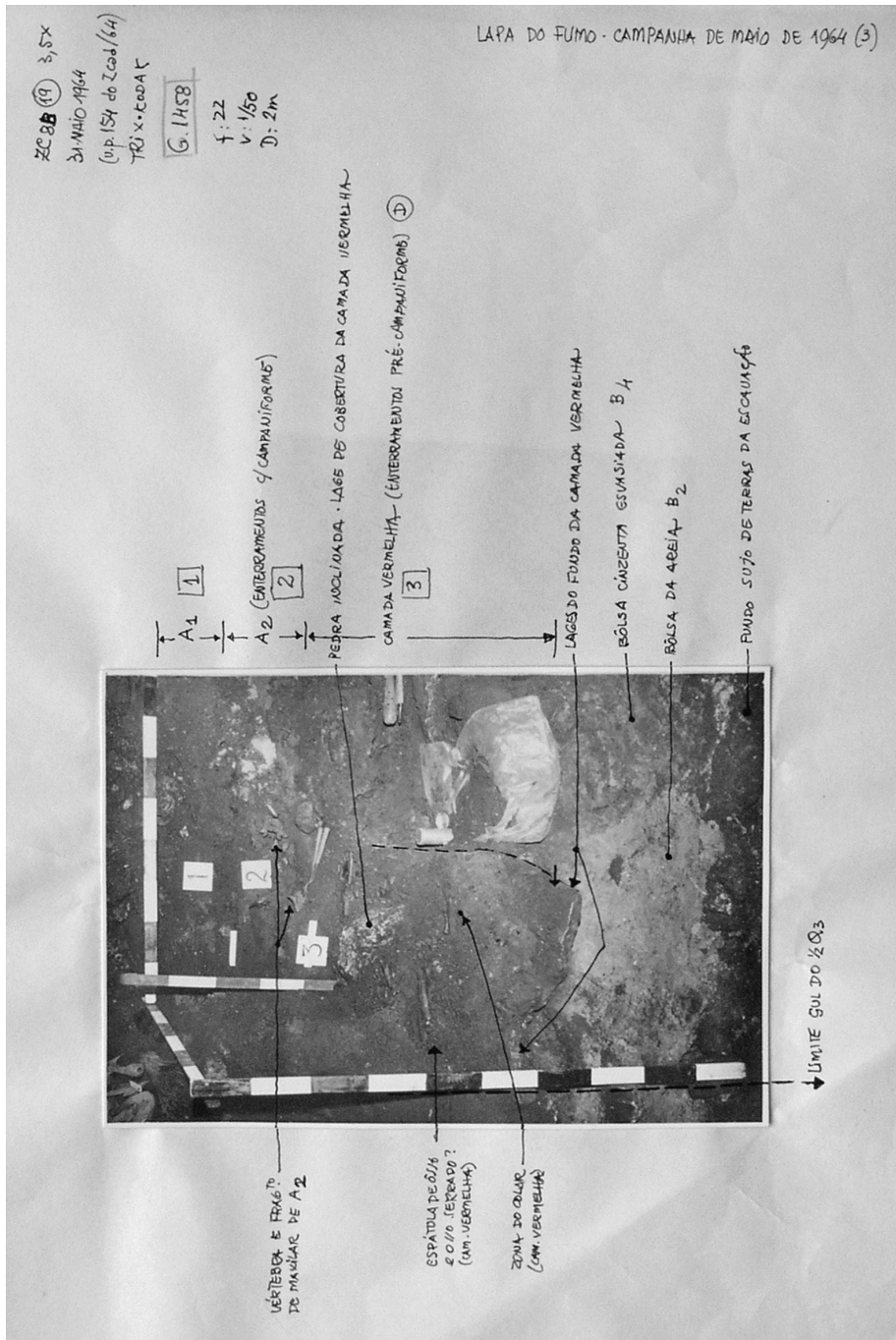


Fig. 8 – Lapa do Fumo. Fotografia de Gustavo Marques da frente de ataque da escavação de 1964, assinalando-se a “Camada Vermelha” (3) e, por cima desta, a camada com tumulações mais modernas, correspondente a A2 (C2) na base da qual foi identificado o “pavimento de argila” onde se recolheu o calcâneo agora datado, não visível na foto. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Reprodução de J. L. Cardoso.

Os dotes de desenhador de G. Marques, conseguiram dar expressiva representação em perspectiva da escavação, idealizada a partir da interpretação dos dados de terreno observados, expressa por uma perspectiva da zona interessada pela escavação de 1964, englobando os três complexos neolíticos presentes na gruta: o mais antigo, pertencente ao Neolítico Antigo evolucionado; o complexo do Neolítico Médio antigo, correspondente à “Camada Vermelha”; e o complexo do Neolítico Médio pleno e Neolítico Final correspondente ao depósito funerário mais recente (Fig. 9). É interessante verificar que neste esboço se encontra claramente representada a fina camada de greda que separa a “Camada Vermelha” (camada B, Neo. II) da camada com os enterramentos mais recente (camada A, Neo. I), de onde provém o fragmento de calcâneo humano cuja datação agora se publica, o integra cronologicamente no Neolítico Médio pleno.

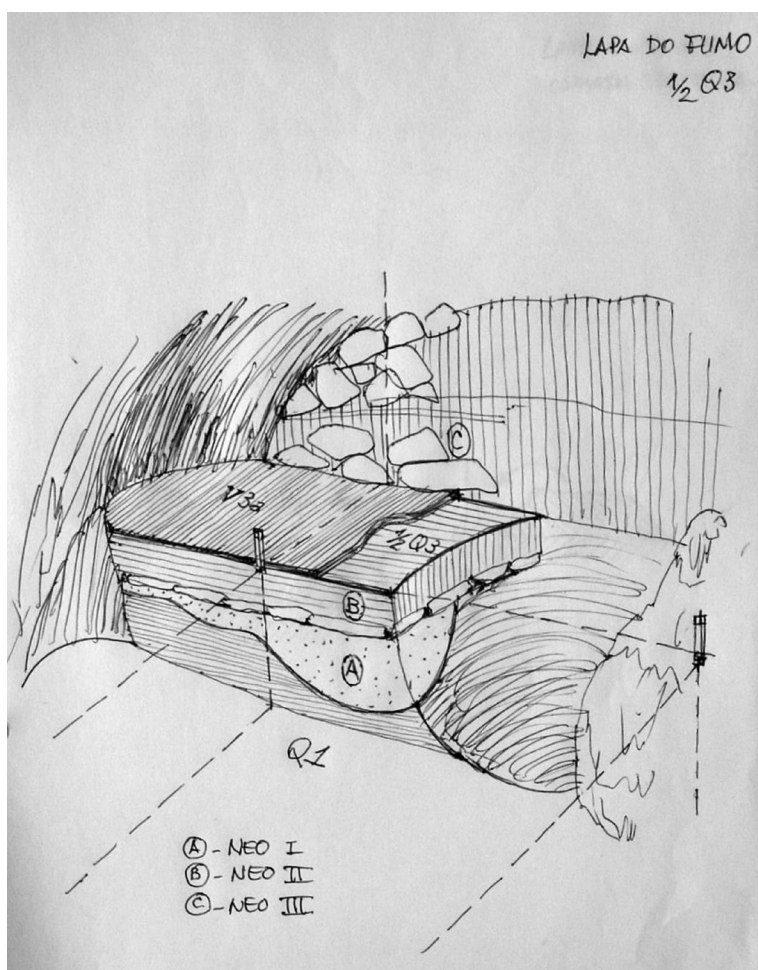


Fig. 9 – Lapa do Fumo. Reconstituição gráfica em perspectiva da autoria de Gustavo Marques da sequência estratigráfica observada em 1964, com a “Camada Vermelha” (B) e as tumulações mais modernas, separadas daquela pelo “pavimento de argila”, claramente representado, onde se recolheu calcâneo agora datado. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Reprodução de J. L. Cardoso.

5 – Conclusões

As observações agora apresentadas, fundamentadas na datação ora publicada, e na análise de documentação inédita relativa às escavações realizadas na Lapa do Fumo em 1964, da autoria de G. Marques, permitiram chegar a diversas conclusões:

1 – Foi comprovada a impossibilidade de associar a parte mais significativa do conjunto artefactual publicado em 1971 à “Camada Vermelha” uma vez que esta foi datada do Neolítico Pleno inicial, pertencendo aqueles na sua maioria ao Neolítico Final, tendo igualmente sido evidenciada a incompatibilidade estatística entre as duas datações já conhecidas, ambas atribuídas àquela camada. Deste modo, o registo arqueológico do Neolítico Médio estaria, representado por lâminas e lamelas sem retoques, a par de geométricos (trapézios e crescentes), sendo significativa a ausência total de pontas de seta, exclusivas de contextos do Neolítico Final.

2 – A nova datação obtida por iniciativa do signatário vem comprovar de forma inequívoca a formação da base da camada assente na “Camada Vermelha” no Neolítico Médio pleno, podendo ter-se prolongado a sua acumulação pelo Neolítico Final, época a que pertencem a maioria dos espólios anteriormente atribuídos à “Camada Vermelha”, e a que pode respeitar a data sobre ossos humanos obtida em 1986.

32

3 – Com este contributo, a informação relativa à utilização funerária das grutas estremenhas no decurso do Neolítico Médio fica enriquecida, realidade que, até há cerca de 20 anos era quase desconhecida. Para tal, tem concorrido decisivamente, para além da publicação de escavações fiáveis feitas nos finais do século XX, a obtenção de datações para conjuntos homogéneos resultantes de escavações antigas como estas, permitindo o estabelecimento de correlações seguras entre o registo material e a respectiva cronologia absoluta.

Agradecimentos

Ao Dr. Luís Raposo pela confiança depositada no signatário aquando do convite a este endereçado para se ocupar do estudo dos espólios pré-históricos das estações arqueológicas do concelho de Sesimbra reunidos por Gustavo Marques, à data conservados no Museu Nacional de Arqueologia, de que era Director.

Ao Doutor A. M. Monge Soares, pela disponibilidade sempre presente em resolver os pedidos apresentados pelo signatário; devem-se-lhe as calibrações das três datações de acordo com os mesmos critérios, permitindo desta forma a adequada comparação dos resultados respeitantes a cada uma delas.

À Dr.^a Fernanda Rodrigues, pelo convite amavelmente endereçado para colaborar no presente volume desta revista.

Por último, mas não em último, ao Senhor João Pinhal que criou condições objectivas para a realização deste estudo, enquanto funcionário da Câmara Municipal de Sesimbra.



Referências

ARRUDA, A. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 731-754.

CARDOSO, J. L. (1992) – A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 89-225.

CARDOSO, J. L. (1995) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. In Jorge, S. O., coord., Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa. Instituto Português de Museus, p. 88.

CARDOSO, J. L. (1996) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.

CARDOSO, J. L. (2009) – Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do Arq. Gustavo Marques. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12 (1), p. 73-114.

CARDOSO, J. L. (2010) – O Neolítico antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. In GUIBAJE J. F. & CARVALHO, A. F., ed., *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, p. 23-48. (Promontoria Monográfica, 15).

CARDOSO, J. L. (2015) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 93-138.

CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.

CARDOSO, J. L. (2020) – A necrópole da gruta das Alcobertas (Rio Maior) e a sua importância para o conhecimento do Neolítico Médio em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 117-140.

CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2018) – A ocupação do Neolítico Antigo da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 99-124.

CARVALHO, A. F. (2014, coord.) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica 17).

MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O: da Veiga (1971) – Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio (Azóia-Sesimbra). *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas: Ministério da Educação Nacional, 1, p. 107-120.

NEVES, C. (2018) – *O Neolítico Médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5.º e 4.º milénio AC*. Tese de doutoramento em História, especialidade de Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



REIMER, P.J.; BARD E.,; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWELL, P.G.; BRONK RAMSEY C.; BUCK. C.E.; CHENG, H.; EDWARDS, R.L.; FRIEDRICH, M.; GROOTES, P.M.; GUILDERTSON, T.P.; HAFLIDASON, H.; HAJDAS, I.; HATTÁ, C.; HEATON, T.J.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KAISER, K.F.; KROMER, B.; MANNING, S.W.; NIU, M.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SCOTT, E.M.; SOUTHON, J.R.; TURNEY, C.S.M. & van der PLICHT, J. (2013) – IntCal13 and MARINE13 radiocarbon age calibration curves 0-50000 years cal BP. *Radiocarbon* 55(4). DOI: 10.2458/azu_js_rc.55.16947

SERRÃO, E. Cunha & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Actas: Ministério da Educação Nacional, 1, p. 121-142.

SERRÃO, E. Cunha (1994) – *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

SOARES, A. M. Monge (1993) – Datações absolutas para os IV e III milénios AC: uma análise crítica. *Transformação e Mudança 1.º Simpósio. O 4.º 3.º milénio no Centro/Sul de Portugal*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais/UNIARQ. Texto policopiado.



